

**QUILOMBOS E A AGROECOLOGIA: A AGRICULTURA
TRADICIONAL COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ**

**QUILOMBOS Y LA AGROECOLOGÍA: LA AGRICULTURA
TRADICIONAL COMO ESTRATEGIA DE RESISTENCIA DE LA
COMUNIDAD DE QUILOMBO JOÃO SURÁ¹**

Lourival de Moraes Fidelis²;

Sonia M. P. P. Bergamasco³

RESUMO:

A Agricultura Tradicional (AT), dos Quilombos (CRQ's) e a cultura ligada a esta agricultura são, por si só, tema que merece atenção. A prática desta AT vem sofrendo com a pressão de monoculturas e pecuária que não se prestam à alimentação local. A Agroecologia é uma ciência que busca novos modelos de agriculturas com a contribuição e a interação com outras ciências em diálogo com os saberes e conhecimentos das Populações Tradicionais. Este artigo advém de uma pesquisa de mestrado defendida em 2011. Nesta pesquisa, trabalhou-se com a hipótese de que a AT das CRQ's têm contribuições a oferecer para os estudos da Agroecologia. O objetivo central foi conhecer e estabelecer relações e interfaces

¹Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado intitulada: "Agricultura Tradicional a agroecologia na comunidade Quilombola João Surá no Município de Adrianópolis-PR", defendido em 2011 na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas, FEAGRI/UNICAMP.

² Estudante de Doutorado FEAGRI/UNICAMP – lourivalfidelis@yahoo.com.br.

³ Professora doutora titular FEAGRI/UNICAMP – sonia@feagri.unicamp.br.

entre a AT presente na CRQ João Surá, localizada em Adrianópolis, no Vale do Ribeira paranaense e a Agroecologia. Trabalhou-se com a Metodologia Qualitativa utilizando principalmente o método de História Oral. A análise dos agroecossistemas de João Surá, no tocante à água, aos solos, as sementes e manejos culturais, revela que sua agricultura detém condições sustentáveis de produção que coincidem com os princípios da Agroecologia.

PALAVRAS CHAVES: Quilombos; Vale do Ribeira; Agricultura Tradicional; Agroecologia; Campesinato Negro.

RESUMEN:

La agricultura tradicional (AT) de los Quilombos (CRQ's) y su cultura vinculada a esta agricultura son, por sí mismo, un tema que merece atención. La práctica de la AT viene sufriendo por la presión de monocultivos y de la ganadería que no se prestan a la alimentación de las poblaciones locales. La agroecología es una ciencia que busca nuevos modelos de agricultura en contribución e interacción con otras ciencias y en el diálogo con el conocimiento de los pueblos tradicionales. Este artículo proviene de una investigación concluida en 2011 e la hipótesis fuera de que la agricultura en Quilombos tiene muchos aportes a ofrecer para los estudios de agroecología. El principal objetivo fue conocer, establecer relaciones e interfaces entre AT presente en CRQ João Surá, situada en Adrianópolis en el Vale do Ribeira Paraná y la Agroecología. Se trabajó con la metodología cualitativa utilizando el método de la Historia Oral. El análisis de los agroecossistemas de la comunidad, con respeto al agua, el suelo, las semillas y gestiones culturales, revelaran que hay condiciones productivas que son sostenibles e coincidentes con los principios de la agroecología.

PALABRAS CLAVES: Quilombos; Vale do Ribeira; Agricultura Tradicional, Agroecología, Campesinado Negro.

INTRODUÇÃO

Há no rural brasileiro um cenário novo, que se desvela demonstrando com isto que há uma multiplicidade de sujeitos do campo. Camponeses que vêm

construindo suas identidades e que, a partir destas, demonstram que há muitas representações identitárias compondo o rural brasileiro (WANDERLEY, 2000).

Assim, o camponês não tem só uma “cara”, uma cor e um vocabulário, mostra-se bem mais diverso e complexo. Esta constatação vem fazendo com que velhas formas de se analisar os camponeses e seus múltiplos arranjos no campo sejam revistos.

As Populações Tradicionais vem reafirmando a tipificação segundo a sua identidade camponesa por meio da organização política e de ações articuladas com base em sua etnia. Como exemplo de Populações Tradicionais hoje organizadas no Brasil, pode-se citar os: Faxinalenses, Os Quilombolas, os Ciganos, os Pescadores Tradicionais e Artesanais, os Ribeirinhos, os Caiçaras, as Quebradeiras de coco, os Cipozeiros, Seringueiros, Geraizeiros entre outras Populações Tradicionais que cada vez mais se apresentam organizadas na sociedade brasileira. Muito embora se saiba da existência de Remanescentes de Quilombos urbanos, é fato que a maioria das comunidades já identificadas pela Fundação Cultural Palmares, está e vive no e do espaço rural (FCP, 2010). Isto não determina que a agricultura seja a forma principal de geração de renda destas comunidades mesmo assim, esta é uma atividade principal ou transversal as outras atividades presentes e executadas pelas Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ's). Estes agricultores, a partir de uma lógica camponesa, elaboram técnicas, manejos dos solos, das águas e das sementes, flora e fauna que marcam seu espaço, seu território, meio físico e biológico traçando um movimento de constante mudança e adaptação (CARVALHO, 2010).

É possível afirmar, que o seu modo de produzir agricultura, está longe de ser dita como agricultura de subsistência que vem sendo definida, via de regra, por um viés produtivista que anula e impede de se observar que muitas destas CRQ's produzem uma agricultura pensando na alimentação familiar num primeiro plano e na preservação interativa da natureza em um segundo plano.

Agricultura é desta forma, antes de qualquer análise linear, parte de uma estratégia maior que tem como base a reprodução e a segurança alimentar do núcleo familiar das comunidades Quilombolas. Esta estratégia não prescinde da preservação das sementes, da recomposição da fertilidade dos solos através do pousio e outras técnicas que compõe a agricultura das comunidades Quilombolas. Contemporaneamente a Agroecologia vem pesquisando estas formas de se praticar a agricultura que se baseiam na filosofia da existência, traçando modelos de produção conceitualmente nominados de agroecossistemas, notadamente aqueles que se valem dos recursos, conhecimentos e insumos locais para a sua reprodução e evolução. Assim, estes agroecossistemas quando incutidos na lógica camponesa, vai ao encontro da Agroecologia, tornando-se mais adequadas do ponto vista das dimensões da sustentabilidade discutida por Caporal e Costabeber (2002). Este trabalho advém de uma pesquisa de mestrado defendida em fevereiro de 2011 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Trabalhou-se com a hipótese de que a Agricultura Tradicional (AT) das CRQ's têm contribuições a oferecer para os estudos e avanços da Agroecologia. O trabalho teve como objetivo, conhecer e estabelecer relações e interfaces entre a AT presente na CRQ João Sura, localizada em Adrianópolis – PR, Vale do Ribeira paranaense e a Agroecologia. Trabalhou-se

com a Metodologia Qualitativa utilizando principalmente o método de História Oral aliado a ferramentas metodológicas para a descrição dos agroecossistemas quilombolas. As análises dos sistemas produtivos da CRQ João Surá, no que diz respeito à água, aos solos, as sementes e manejos culturais, revelaram que sua AT detém condições sustentáveis de produção que coincidem com os princípios da Agroecologia. Neste artigo serão apresentados e analisados dados sobre os solos, a água e as sementes da comunidades estudada.

A OCUPAÇÃO DO VALE DO RIBEIRA: O QUILOMBO; O CAMPESINATO E A AGROECOLOGIA

A ocupação humana do Vale do Ribeira é sem dúvida bem anterior à chegada de Colombo à América. Segundo Dean (2010), a presença humana nas planícies e altiplanos sul-americanos esta datada em pelo menos 13 mil anos. Houve grupos que permaneciam por tempo mais prolongado nestas regiões, sendo estes também produtores de cerâmicas, que se alimentavam da pesca, da coleta e dos cultivos para a alimentação (BIANCHINI, 2010). Em 1500 o Brasil detinha pouco mais de quatro milhões de pessoas pertencentes aos diversos povos indígenas, em sua maioria do tronco Tupi-Guarani (RIBEIRO, 1995 p. 31). A “reocupação” do Vale do Ribeira ocorrerá por conta da exploração de ouro de aluvião a partir de Paranaguá, Cananéia e Iguape e logo em seguida pela exploração de áreas cada vez mais amplas para exploração da pecuária nos planaltos curitibanos (IANNI, 1988).

Os negros que chegaram ao Vale do Ribeira foram capturados na África e eram originários de Guiné, de Angola e de Moçambique. Esta chegada ocorreu por

volta do segundo quartel do século XVII para o trabalho escravo na mineração e no cultivo de arroz Carril (2001, p. 28).

No que diz respeito aos ciclos econômicos, que tiveram na mineração e no arroz certa importância, o que se pode inferir é que os Quilombos tiveram sua origem no Vale do Ribeira localizada no período de vigência destes ciclos na região. Com seu declínio e o fim da escravidão no século XIX, as fazendas começam a contratar mão-de-obra livre, mas em menor escala. Neste período, um grande número de negros escravizados são abandonados à própria sorte e começam a organizar comunidades de Quilombos pela região. O Vale do Ribeira é também uma região marcada por uma grande riqueza cultural notadamente a cultura caipira.

A região do Vale do Ribeira e do litoral é de grande diversidade, cultural, nela encontrando-se *povos indígenas* como os Guaranis, os *caiçaras*, descendentes dos índios, sobretudo dos Carijós, colonizadores portugueses e escravos negros, *caipiras*, no Alto e Médio Ribeira, além de inúmeros núcleos *quilombolas*, remanescentes da mão-de-obra escrava usada nas monoculturas e na mineração e *de caipiras*, existentes, sobretudo no Médio e Alto Ribeira. A esses grupos humanos vieram se juntar, mais tarde, outros *migrantes europeus* como suíços, franceses, alemães, italianos, também norte-americanos e japoneses (DIEGUES, 2007p.4).

Estas características, histórica e cultural, traçadas pela ocupação humana do Vale do Ribeira contou com a contribuição, muitas vezes forçada, de muitas etnias (algumas delas exterminadas como as etnias indígenas) acabaram por deixar marcas profundas nesta região. Uma das marcas mais visíveis é a existência das Comunidades Remanescentes de Quilombos.

SIGNIFICADOS DE QUILOMBOS

O conceito de Quilombo vem sendo ressemantizado pela ciência e pelos movimentos sociais relacionados à questão do negro e ampliando seus significados. A concepção que se tem sobre os Quilombos distanciou-se do sinônimo de negros rebeldes que, em fuga da opressão escravista, se organizavam em grupamentos de pelo menos cinco negros sem nenhum recurso:

[...] O Conselho Ultramarino Português datado de 1740, [...] define quilombo como *“toda habitação de negros fugidos, que possuem pelo menos cinco negros em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”* (LOPES, 2010).

Longe de ser um fenômeno exclusivo do Brasil, a formação de Quilombos teve correlatos em diversas partes das Américas:

As comunidades formadas pelos negros escravos [...] receberam vários nomes nas diversas regiões do Novo Mundo: Quilombos ou Mocambos no Brasil; Palenques na Colômbia e em Cuba; Cumbes na Venezuela; Marrons no Haiti e nas demais ilhas do Caribe francês; grupos ou comunidades de Cimarrones em diversas partes da América Espanhola, Maroons, na Jamaica, no Suriname e no Sul dos Estados Unidos (CARVALHO, 1995 p. 15).

Para GOMES (2005) a historiografia trabalhou com duas abordagens sobre o Quilombo. A primeira linha interpretativa surge na década de 30 sob a influência de Nina Rodrigues que estudou os Quilombos e Mocambos no Brasil sob a tese da contra-aculturação. Mais tarde, autores como Arthur Ramos, Edison Carneiro e, posteriormente Roger Bastide, dão continuidade à pesquisa sobre os Quilombos como fenômenos de resistência cultural. A Segunda linha de interpretação terá na

ótica marxista seu pilar teórico, com foco na luta de classes e do materialismo histórico. Como principais autores desta linha destacam-se: Clovis Moura, Alípio Goulart, Luís Luna e Décio Freitas. A partir destas duas linhas o conceito de Quilombo sai da academia e adere às lutas políticas do Movimento Negro, principalmente na década de 70, tomando as ruas e influenciado inclusive a produção cultural e artística do país. Recentemente, Alfredo Wagner Berno de Almeida ao discorrer sobre Quilombos afirma que:

Quilombo existe onde há autonomia, existe onde há uma produção autônoma que não passa pelo grande proprietário ou pelo senhor de escravos como mediador efetivo, embora simbolicamente tal mediação possa ser estrategicamente mantida numa reapropriação do mito do bom senhor, tal como se detecta hoje em algumas situações de aforamento (ALMEIDA, 2006 p. 92).

O conceito mais atual é proposto em 1994 no encontro realizado pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Este conceito sugere que Quilombo é: *“Toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado”* (ITESP, 2000 p. 7). O'DWYER (1995, p.1) sugere que:

Quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de população estritamente homogênea. Nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados. Sobretudo consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e na reprodução de modos de vida característicos, e na consolidação de território próprio. A identidade desses grupos não se define por tamanho nem por número de membros, mas por experiência vivida e versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo.

Esta diversidade de definições e conceitos tenta trazer para o âmbito científico a diversidade e a riqueza que é o Quilombo e seus remanescentes. As CRQ's são cercadas de histórias de vida e de lutas, uma das principais características destes sujeitos do campo.

OS QUILOMBOS E A AGROECOLOGIA

No que se refere a AT das CRQ's, pode se dizer que ela faz parte da Agricultura Familiar. Sua origem está ligada à lógica camponesa, seja devido à produção de alimentos para o sustento familiar, como de excedentes para comercializar com a rede de trocas interna da comunidade ou do comércio à sua volta. Em uma primeira análise podemos afirmar que a Agricultura Tradicional é uma:

[...] agricultura praticada por povos tradicionais em locais onde não havia disponibilidade de outros insumos além do trabalho humano e dos recursos locais, ou onde foram encontradas alternativas que reduziam, eliminavam ou substituíam insumos humanos intensivos no uso de energia e de tecnologias, comuns a grande parte da agricultura convencional de hoje (GLEISSMAN, 2000).

Eduardo Sevilla Guzmán (2001, p. 39) salienta que: “[...] *a coevolução local possui a lógica de funcionamento do agroecossistema, naquelas zonas em que o manejo tradicional histórico mostrou condições de sustentabilidade*”. Este autor ainda acrescenta que:

Não obstante existe uma contundente evidência empírica que nos mostra possibilidade de recriação e inclusive de inovação

de tecnologia de natureza ambiental naqueles lugares onde os homens recuperam a coevolução com seu sistema (GUZMÁN 2001, p. 39).

As Agriculturas Tradicionais primam pela diversidade de seus sistemas agrícolas em contraposição a artificialização e a simplificação dos agroecossistemas que são a tônica dos sistemas industriais de cultivo. E, neste sentido, “*os sistemas tradicionais de produção estão geralmente organizados para resistir a estresses ambientais, restrições de mão-de-obra e aproveitam à consorciação simbiótica*” para se desenvolver (COSTA 2004, p. 69 – 70). Reside na história de cada Comunidade Remanescente de Quilombo, pontos que andam na direção da sustentabilidade afirmando sua importância como detentoras de saberes tradicionais muito próprios.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Dentre os vários métodos que a Metodologia Qualitativa oferece, optou-se pela História Oral, por se tratar de um método que tem como característica a estreita relação com categorias como “*biografia, tradição oral, memória, linguagem falada e métodos qualitativos.*” (ALBERTI, 2004 p. 18). Os dados, conteúdos apresentados e discutidos neste artigo, foram produzidos por meio da ferramenta metodológica conhecida como “*entrevistas temáticas*” que compõe a História Oral. As entrevistas temáticas são definidas como “*aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido*” e que, a partir do tema proposto, projeta a sua interpretação e reflexão sobre a realidade que cerca o sujeito e na qual

também este está imerso (ALBERTI, 2004 p. 37). A escolha de entrevistas temáticas é adequada para casos onde os:

[...] temas que tem um estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos (ALBERTI, 2004 p. 38).

A temática utilizada foi a história da agricultura do Quilombo João Surá. A escolha dos entrevistados foi facilitada pelos trabalhos realizados pelos autores desde 2006 na comunidade. Este contato anterior à pesquisa, facilitou a aceitação e o consentimento, bem como, o entendimento dos objetivos que orientaram a pesquisa por parte dos agricultores entrevistados. Foram escolhidos quatro (4) agricultores do núcleo de Guaracuí, um dos três núcleos que integram a comunidade João Surá. Os outros dois núcleos que compõe a comunidade são: João Surá (cede da comunidade) e; Poço Grande. A comunidade Quilombola João Surá é composta por 40 famílias e está localizada no município de Adrianópolis município paranaense que se localiza na região do Alto Vale do rio Ribeira do Iguape. Seus limites e fronteiras são o estado de São Paulo ao norte, a leste é limitado pela confluência do rio Ribeira de Iguape e o rio Pardo que dividem geograficamente os estados de São Paulo e Paraná.

No tocante à História Oral, optou-se por entrevistas abertas com os agricultores. Elaborou-se um roteiro guia onde as questões pertinentes à pesquisa foram realizadas. As entrevistas duraram entre 5 horas (a mais curta) e 14 horas (a mais longa). A duração variada de tempo entre as entrevistas, deveu-se em virtude

das tarefas e dos manejos que foram desenvolvidos com os agricultores enquanto estes relatavam sua história de vida e as particularidades de sua agricultura e da comunidade. Um segundo roteiro, que aliado a história da agricultura da comunidade e a história de vida dos entrevistados, completou a metodologia adotada. Este segundo roteiro serviu como base para a aplicação do questionário semiestruturado contendo questões abertas e fechadas e que se compunha dos seguintes subtemas:

- Os solos, as águas, as sementes crioulas e os materiais vegetais de propagação, as áreas de cultivos, insumos e máquinas agrícolas;
- O trabalho na propriedade: divisão do trabalho familiar na agricultura da propriedade;
- As relações com a terra e o território da comunidade;
- A história da agricultura da comunidade e da família do entrevistado;
- A renda familiar e;
- A alimentação familiar;

Além das entrevistas e das atividades nas propriedades, foi proposto aos entrevistados que nos acompanhassem para uma caminhada descritiva por seus cultivos, onde foi possível ter uma visão geral da propriedade. Foi requerido aos Quilombolas que nos explicassem e descrevessem, ao seu modo, as características mais importantes de seus agroecossistemas.

Nesta visão geral dos agroecossistemas, perguntou-se como eram os manejos, os tempos e melhores épocas para o plantio, condução e colheita das variedades que cultivavam e ainda cultivam, se havia variedades e espécies de ervas medicinais plantadas ou extraídas da mata, etc. A intenção desta caminhada

descritiva na propriedade, assim como o período em que se acompanhou as tarefas de cada agricultor, teve como objetivo observar seus agroecossistemas e obter destes Quilombolas o entendimento que eles detinham da agricultura e do conjunto da comunidade. Objetivou-se, através desta ferramenta metodológica, pôr o agricultor a relatar e a apresentar os elementos que compõe os seus sistemas de produção, fato que só através das entrevistas não seria possível de captar. Esta opção metodológica, propiciou o registro de preciosos relatos, ricos em detalhes que compõe estes conhecimentos e saberes tradicionais.

Por fim, optamos por identificar os Quilombolas entrevistados através da nomenclatura: agricultor 1, agricultor 2, 3 e 4. Dentre estes 4 Quilombolas reproduzimos, neste artigo, os depoimentos de 3 dos entrevistados. Optou-se também por manter, até certo ponto, o coloquialismo das falas destes agricultores, preservando a riqueza de nomes próprios das espécies animais e vegetais dado por eles, além dos exemplos e das analogias utilizadas por estes Quilombolas.

OS AGROECOSSISTEMAS DO QUILOMBO JOÃO SURÁ

O estudo dos solos que se procedeu nos agroecossistemas dos agricultores entrevistados baseou-se nas informações dadas por eles. Não se procederam análises químicas ou físicas dos solos, por outro lado, trabalhou-se com os agricultores as noções sobre os solos que manejam. Ademais, os depoimentos que analisamos vão desde uma descrição pedogenética, passando pelas técnicas de interpretar a fertilidade dos solos.

Os solos de Adrianópolis são predominantemente jovens, composto em quase 70% de neossolos, sendo que o restante da área do município se distribui em outros 5 tipos de solos, entre eles, pode-se encontrar os nitossolos brunos, nitossolos vermelhos, chernossolos rendóxicos e manchas de latossolos vermelho-amarelo (IPARDES, 2007). Segundo este Instituto, 94,3% das áreas são de alta fragilidade sendo o restante, 5,7%, de afloramentos rochosos. Para os agricultores entrevistados a formação do solo é expressa da seguinte forma:

É, o solo vem de baixo para cima! É daí que fica boa de plantar porque na hora que você corta a árvore e tira toda a galhada de cima a planta não produz. Ela sai, mas meio amarelada, meio fraca, mas depois que ela apodrece um pouco que se faz a camada, daí bate a umidade de cima e o que acontece, ela esquenta e daí ela fermenta e daí é que ela vai formar a cobertura de solo. E aí que você corta e vê que ela está gorda (agricultor 1).

As profundidades dos solos no núcleo de Guaracuí não passam de dois metros nas regiões de encostas o que vem acentuando os prejuízos em épocas de estiagens prolongadas. A noção de que as condições de seus solos não são boas foram expostas por todos os agricultores ao afirmarem que este recurso vêm piorado nos últimos anos:

[...] eu trabalho um solo assim bem desgastado pelo tempo de trabalho além do uso do fogo, trabalho com a enxada né [...] um pouco é por falta de manejo com a terra, de deixar ela descansar um tempo (agricultor 2).

Os Quilombolas estão cientes dos limites e das causas da baixa fertilidade atual de seus solos, mas o que impressiona são os conhecimentos acumulados por estes agricultores para a superação destes limites. Uma das causas limitadoras da

fertilidade natural do solo é uso do fogo, que ainda é empregado, mas quem vem sendo substituído por técnicas que suprimem o uso deste recurso, tais como a utilização da adubação verde e do manejo da biomassa local. Além disto, no que se refere os aspectos cognoscíveis, fica patente o conhecimento que acumularam acerca dos solos. Não só isto, mas também a identificação, a percepção da cor, da textura, da profundidade e o do tipo de vegetação que ocorre em função de cada tipo de solo. Os agricultores familiares, notadamente aqueles que trabalham na lógica camponesa detém, como poucos, o conhecimento sobre os solos que cultivam (ALVES *et. al.* 2003 p. 380).

Para os agricultores entrevistados, trabalhar com os solos de suas propriedades é mais do que simplesmente plantar e cultivar. O solo é o local para se trabalhar com os outros agricultores da comunidade, é o local de se reproduzir valores como o da cooperação é onde se educa os filhos:

Pra mim o solo é a terra, tanto faz terra fraca como terra forte. Para mim é uma terra que seja assim, que tenha assim uma cobertura boa ai em cima da terra, mas que ela produza com frequência (agricultor 2).

Este é um dos princípios que norteiam a construção de agriculturas de base ecológica fundadas nos princípios da Agroecologia. Solos bons são os solos que se tem à disposição e, a partir destes, construir-se a fertilidade desejada. Dois Quilombolas, dos quatro entrevistados, já vêm adotando técnicas e manejos ecológicos que vem influenciando os outros agricultores da comunidade:

[...] hoje estou com esta consciência de não queimar e não carpir o solo pra amanhã ou depois não acontecer o que esta acontecendo agora né. Tentar passar isto para o outros que

acho que é importante a gente trabalhar com a cobertura boa em cima da terra. Para mim tem uma grande importância, eu acho que cuidar dela, cuidar da terra, pra que não venha a se degradar eu acho que seria muito importante (agricultor 2).

Segundo este agricultor é o solo que faz o agricultor e não o contrário. Reside aí uma das mais importantes contribuições que estes Quilombolas podem dar às agriculturas de base ecológica e a Agroecologia, contribuições que são passadas de geração em geração:

[...] como meu pai preservou a terra né e deixou e a gente já viveu em cima dela uma quantidade de anos [...] a gente pretende trazer um sistema de plantio diferente na terra, que possa segurar os filhos da gente [...] para que não venha a abandonar a terra. Porque é muito importante fazer com que ela produza com qualidade e sem carecer degradar e garantir uma produção para os mais novos (agricultor 2).

Resumidamente, esta é a conotação impressa por estes Quilombolas, que conferem a terra e seus solos uma dimensão que ultrapassa a de um simples bem de uso. A terra foi herdada e junto com ela também receberam valores que deverão ser repassados às gerações futuras, porém, ressignificados no que chamam de um sistema novo de plantio que para dois dos Quilombolas entrevistados é a Agroecologia.

A ÁGUA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Na opinião dos agricultores entrevistados as águas disponíveis na comunidade, tanto as águas para o consumo quanto para a agricultura, vêm piorando nos últimos anos. Além disso, o que os Quilombolas relatam é que não é

possível pensar o mundo sem considerar que *tudo o que tem na terra tem na água*. Pode-se dizer que o *mundo da água* condensa as relações de reciprocidade das comunidades para com a natureza (MIRALES, 1998 p. 92).

A água usada para os cultivos da comunidade vem, principalmente, das chuvas e que sofrem com as secas:

Olha, aqui na verdade quando dá um sol tem que suportar, como diz a história. Se produzir é por grande misericórdia divina. [...] Mas aqui eu já cheguei a plantar uma saca de feijão e colher 30 quilos. Não vale a pena! Eu já sofri muito com a consequência do sol (agricultor 2).

Além das secas que castigam as lavouras a água, segundo os Quilombolas, vêm diminuindo na comunidade:

[...] A água diminuiu muito sabe e vejo que vem vindo cada dia mais o desrespeito. Os peixes que tinha no rio e a gente vendo ai hoje o veneno que o pessoal joga nas margens, tinha muito cascudo uma época e hoje não [...] provavelmente que os rios vão ficar sem peixes (agricultor 2).

Outro agricultor faz menção a quantidade e variedade de peixes que povoavam os rios e que hoje já não existem mais.

Tinha o cascudo bacari, o anã uma espécie de cascudo menor e era gostoso de mais e muito saudável. Tinha em abundância, chegava nos rios para observar era de se assustar com o tanto que tinha e hoje já não existe mais. Tinha o bagre, a traíra, traíra traputanga. Hoje a gente conta pras crianças ou pra vocês que estão chegando agora, dizem que é mentira (agricultor 3).

Nos relatos dos Quilombolas as águas devem ser tratadas com respeito e que, a partir deste, assume uma dimensão maior, patente em suas falas como algo que é necessário alcançar mediante a tomada de consciência.

A água é tudo! Água é vida! Sem ela ninguém vive. Primeira coisa é o batismo não é?! É começa por aí e daí é ela que faz dar a semente, ela que cozinha, é ela que me banha, é ela que eu tomo! Ela banha desde o batismo até a morte! A água é a amiga também da agricultura (agricultor 1).

A comunidade já conta com uma caixa d'água que irá distribuir água tratada e um outro reservatório estava sendo construída quando do estudo de campo.

A água usada para o consumo provêm de nascentes localizadas nas áreas intermediárias dos morros e, por mangueiras por gravidade, seguem até as casas para consumo e higienização das famílias do Quilombo. Mesmo com este limite a quantidade de alimentos produzidos sempre supriram as necessidades segundo os Quilombolas, pois são produzidos pelo sistema de policultivos. De certa forma, mesmo tendo poucos recursos para minimizar os efeitos da falta da água nos cultivos em determinadas épocas do ano, as garantias mínimas vinham sendo mantidas.

Na medida em que se pensa em alternativas para a melhoria da fertilidade e preservação dos solos, da forma como é pensada pela Agroecologia, também se pensa a preservação e melhoria da qualidade da água. Na comunidade esta questão vem sendo resolvida de forma a garantir as necessidades imediatas, mas que carecem ser melhor planejadas de modo a propiciar o fornecimento de água com qualidade suficiente para o consumo e produção agrícola.

AS SEMENTES E A SUA PRESERVAÇÃO NO QUILOMBO JOÃO SURÁ

A manutenção das sementes e materiais vegetais de propagação da comunidade, algumas com pelo menos 50 anos de reprodução e cultivo nas suas roças e outras com mais de 150 anos, são cultivadas pelo Quilombo e se mantêm sob sua posse a mais de 200 anos. As sementes e materiais vegetais de propagação crioulas, além da grande diversidade genética, garantem uma melhor adaptabilidade aos agroecossistemas locais, são mais resistentes à baixa utilização de insumos e poupadoras de recursos naturais causando assim menos impactos ao meio ambiente (BEVILAQUA, 2010).

A primeira constatação é que, mesmo com a falta de solos férteis, água em quantidade suficiente e terrenos planos, a comunidade detém uma grande variedade de sementes e materiais vegetais de propagação. Pela pesquisa de campo deparou-se com cultivares⁴ de cana-de-açúcar (*Saccharum spp*), de arroz (*Oryza spp*), de feijão (*Phaseolus vulgaris L.*), de mandioca (*Manihot esculenta Crantz*) e cultivares de café (*Coffea arabica L.*).

Entre estas sementes e cultivares, existem algumas que já se encontram há pelos menos 200 anos, no caso das mais antigas, e de 15 a 2 anos, as mais novas. A partir das informações sobre as sementes e materiais vegetais de propagação foi possível elaborar as TABELAS 1, 2, 3 e 4 nas quais estão relacionadas o tempo em

⁴Não foi possível levantar os nomes científicos de cada cultivar encontradas na comunidade estudada, processo que se encontra em fase de pesquisa junto aos centros especializados.

que estas sementes vêm sendo cultivadas na comunidade. Na TABELA 1 encontram-se as cultivares de cana de açúcar utilizadas pelos agricultores de João Surá e seus respectivos tempos de cultivos. Constata-se que das 7 cultivares encontradas três estão sendo cultivadas há mais de 100 anos.

Através dos depoimentos relatados pelos agricultores, essas cultivares de cana de açúcar vem mantendo, no decorrer do tempo, seu poder de germinação.

O chamado arroz governinho foi apresentado pelos Quilombolas como “semente poderosa”, pois vem sendo cultivada por eles há mais de 200 anos. Outros cultivares de arroz como: o arroz branco de 90 dias, o arroz matão amarelo ou amarelão (ou amarelo de 90 dias) e arroz de 120 dias, estão na comunidade há cerca de 30 anos (TABELA 2). O feijão carioca, mãezinha e rosinha são cultivares novas na comunidade segundo os agricultores, pois são cultivadas há cerca de 35 anos. É necessário destacar o caso do feijão branco manteiga ou manteigão que é conhecido e cultivado pela comunidade há mais de 200 anos. Este cultivar, segundo os agricultores, chegou em João Surá com os escravos que deram origem ao Quilombo (TABELA 3). No caso dos cultivares de mandioca, as cultivares vassourinha ou pãozinho e são pedrinho estão na comunidade João Surá também há mais de 200 anos. A cultivar são pedrinho é conservada por apenas um agricultor cujo objetivo apresentado por ele é a manutenção da variedade por ser de excelente qualidade para a fabricação de farinha (TABELA 4).

Os motivos pelos quais se plantam determinadas sementes por tanto tempo é justificado pelos agricultores por serem “mais gostosos” “render mais na panela” ou por ser um “feijão bonito”. Reside desta forma, num outro nível de significações e

motivações do porque uma determinada cultivar na agricultura do Quilombo permanecer por tanto tempo. As sementes destes agricultores não tem altos rendimentos produtivos, não alcançam preços ótimos no mercado de cereais, mesmo assim, são cultivados todos os anos há mais de 2 séculos garantido a alimentação das famílias no Quilombo. Cultivares de cana de açúcar como a *caninha*, que é usada para fins medicinais, foi resgatada e está sendo cultivada por um dos agricultores. A estratégia do policultivo foi sendo desenvolvida durante os mais de 200 anos da comunidade para poder contornar os limites que são impostos pela presença de solos pobres e pelas secas que castigam os cultivos localizados nos topos dos morros. A posse das sementes pelos agricultores é um grande indicador de sustentabilidade. A posse de cultivares tão específicas quanto do arroz *governinho*, *matão amarelo* ou de feijões como o *branco manteigão*, feijão *mulatinho* e *rosinha* ou as de cana de açúcar como as cultivares *Java*, *preta* ou *piracicaba* e *caninha* por mais de 30, 40 e mesmo 150 e 200 anos é um fator importante a ser considerado. Em um cenário onde “agricultura moderna” é aquela que faz uso de “sementes modernas” que não duram mais que três safras sem sofrer pressão biológica e física e ter que ser trocada por novas sementes, ter sementes que são cultivadas há 200 anos em um determinado agroecossistema é algo surpreendente.

CONCLUSÕES

O Quilombo João Surá está inserido numa região onde os solos são pobres em fertilidade natural e de pouca profundidade, fato que não os impediram de

melhorar sementes e cultivares e ainda, adequar técnicas, formas e manejos visando à produção de alimentos necessários às famílias que integram a comunidade. O Quilombo detém uma quantidade de sementes impressionante que liga a agricultura camponesa de João Surá a alguns dos princípios agroecológicos que vem sendo discutidos por Altieri (2009), Caporal e Costabeber (2002) e Gliessman (2000). Um destes princípios é, sem dúvida, a autonomia dos camponeses, principalmente, aqueles que se valem de seus saberes e conhecimentos tradicionais para produzir alimentos.

A noção de tempo com relação à posse das sementes difere muito em relação à noção que tem os agricultores familiares convencionais de modo geral. Para os Quilombolas, sementes novas são aquelas que estão a 10 ou 20 anos sendo cultivadas por eles. Além disto, as sementes são cultivadas em sistema de policultivo, com rotação de culturas e em pousios na maioria dos casos. A recomposição da fertilidade dos solos é realizada mediante ciclagem da matéria orgânica que além desta (de recompor a fertilidade) têm a função de suprir as famílias com lenha e madeira.

Mas o que se considera importante são os policultivos, a preservação e adequação das sementes por gerações e gerações em poder dos agricultores do Quilombo, todas mantendo bom vigor genético em seus sistemas de cultivo. Sementes como as de arroz, cultivares de cana de açúcar, variedades de mandioca e sementes de feijão com mais de 100, 150 e 200 anos ou pelos menos 40, 50 anos sendo cultivadas pelos Quilombolas, sem a necessidade de se adquirir sementes novas, demonstram que a base de sua agricultura é para alimentação da

comunidade. No Quilombo há uma troca constante de sementes entre estes agricultores, ou seja, há uma troca *intra-comunidade* e quando as sementes vêm de fora tem origem em outras comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira.

Na medida em que uma semente desaparece do poder de um agricultor, este a encontrará com outro Quilombola que venderá ou trocará com ele por outra semente, ou mesmo serviços e trabalho nos cultivos, como foi o caso das sementes do feijão *branco manteigão* que está sendo resgatado de seu quase desaparecimento. Caso similar ocorre com as cultivares de cana de açúcar *caninha*, *cana preta* e a *mandioca São Pedrinho* que vem sendo recuperadas via troca entre comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira. Outra dimensão a ser considerada é o uso de pelo menos três cultivares diferentes para cada espécie cultivada, com períodos vegetativos diferentes, cultivares precoces e tardias dando assim uma maior estabilidade aos cultivos, proporcionando com isto que não haja perdas acentuadas por ataques de pragas, doenças e variações climáticas bruscas.

A comunidade desenvolveu durante dois séculos, nas áreas onde está assentada, estratégias que lhes garantiram o sucesso através da prática da agricultura. E isto se deve à posse das sementes e ao desenvolvimento de conhecimento e de saberes tradicionais que cercam a sua agricultura e modo de vida. Carece, portanto, que estes conhecimentos e saberes tradicionais sejam estudados e entendidos para que se preserve e com isto seja possível dar o devido valor ao acúmulo destes saberes por estas populações tradicionais. E ao se ter o entendimento da importância destes saberes tradicionais aliados a sua história e a sua cultura, preservar e garantir definitivamente que a posse das sementes, bem

maior da comunidade, não seja perdido, nem tampouco apropriadas de forma indevida por interesses escusos aos interesses dos Quilombolas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Manual de história oral. 2ª Ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 236p.

ALMEIDA, A. W. B. Terras de quilombos, terras indígenas, 'babaçuais livres', 'castanhais do povo' faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA – UFAM, 2006.

ALTIERI, M. A. Agroecologia: dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5ª edição– Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2009. 116 p.

ALVES, et. al. ALVES. Â. G. C. Caracterização etnopedológica de planossolos utilizados em cerâmica artesanal no agreste paraibano. XXIX Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Ribeirão Preto, 2003.

BEVILAQUA, G. A. Sementes crioulas e a soberania dos povos. Entrevista online. <http://www.ecodebate.com.br/2010/04/16/sementes-crioulas>. Acesso em 22 de novembro de 2010.

BIANCHINI, V. O programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar e a Sustentabilidade da Agricultura no Vale do Ribeira – Paraná. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR. Curitiba, 2010.

CAPORAL, F. COSTABEBER, J. A. Análise Multidimensional da Sustentabilidade. Uma proposta metodológica a partir da Agroecologia. Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre. Vol. 3, nº 3. Jul/set 2002.

DIEGUES. A. C, O Vale do Ribeira e Litoral de São Paulo: meio-ambiente, história e população. USP, 2007. Acesso em 10 de outubro de 2013 no site: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/cenpec.pdf>

CARRIL, L. F. B. Terras de negros no Vale do Ribeira: territorialidade e resistência. São Paulo, [s, n], 1995. Dissertação de mestrado FELCH/USP

CARVALHO, H. M de. De produtor rural familiar a Camponês. A Catarse Necessária. www.landaction.org/spip/IMG/pdf/3artigodomes_2009.pdf. Acesso em novembro de 2010.

CARVALHO, J. J. de. et. ali. O Quilombo do Rio das Rãs: História, tradição, lutas. Salvador: EDUFBA, 1995. 270p.

COSTA, M. B. Análise da sustentabilidade da Agricultura da Região Metropolitana de Curitiba pela ótica da Agroecologia. Editora da UFPR. Curitiba 2004.

DEAN, W. A. Ferro e fogo: a história e a Devastação da Mata atlântica Brasileira. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. 484p.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO “JOSE GOMES DA SILVA” – ITESP. Negros do Ribeira: Reconhecimento Étnico e Conquista do Território – 2ª Ed. – São Paulo: ITESP: Páginas \$ Letras – Editora Gráfica, 2000.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Comunidades Quilombolas Certificadas. www.palmares.gov.br. Acesso em novembro de 2010.

GLIESSMAN, E. R. Processos Ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da UFRGS 3ª edição, 2000.

GOMES, F. dos S. A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil, (Séculos XVII-XIX). São Paulo: Ed. UNESP: Ed. Polis, 2005.

GUZMÁN, E. S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. Tradução Francisco R. Caporal – Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável – EMATER-RS. Porto Alegre, 2001.

IANNI, O. As Metamorfoses do Escravo: Apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional. 2ª edição – Editora Hucitec. São Paulo – Scientia et Labor: Curitiba, 1988.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Diagnóstico socioeconômico do Território Ribeira: 1ª fase: caracterização global. Curitiba: IPARDES, 2007.

LOPES, C. V. G. O Conhecimento etnobotânico da comunidade Quilombola do Varzeão, Dr. Ulysses (PR): no contexto do Desenvolvimento Rural Sustentável. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Produção Vegetal, do Setor de Ciências Agrárias da UFPR. Curitiba, 2010.

MIRALES, R. A Identidade Quilombola das comunidades Pedro Cubas e Ivaporunduva. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. 1998.

O'DWYER, E. C. (Org.) Terra de Quilombos, Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Antropologia, 1995.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. Circulo do Livro. São Paulo-SP. 1995.

WANDERLEY, M. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o rural como espaço singular e ator coletivo Estudos Sociedade e Agricultura CPDA/UFRRJ. Rio de Janeiro RJ 2000.

TABELA 1 – TEMPO DE CULTIVO DAS SEMENTES DE CANA-DE-AÇUCAR NA COMUNIDADE JOÃO SURÁ, ADRIANÓPOLIS, 2010.

Tempo de cultivo (anos)	Nº de cultivares	Cultivares¹
--------------------------------	-------------------------	-------------------------------

Menos de 10	1	- Cana de açúcar Catarina
10 – 40	1	- Cana de açúcar Bambu
40 – 100	2	- Cana de açúcar Caninha; - Cana de açúcar Piracicaba ou Piracicabana.
Mais de 100	3	- Cana de açúcar Paulista; - Cana de açúcar Roxa ou preta Morretiana; - Cana Java ou Java 78.
TOTAL	7	

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010. ¹Os nomes atribuídos as respectivas cultivares de cana de açúcar, arroz, feijão e mandioca foram àqueles apresentados pelos agricultores entrevistados.

**TABELA 2 – TEMPO DE CULTIVO DAS SEMENTES DE ARROZ NA
COMUNIDADE JOÃO SURÁ, ADRIANÓPOLIS, 2010.**

Tempo de cultivo (anos)	Nº de Cultivares	Nome das Cultivares
Menos de 10	-	-
Entre 10 – 40	1	- Arroz de 120 dias;
	1	- Arroz Branco de 90 dias;
	1	- Arroz Matão Amarelo ou Amarelão
Entre 40 – 100	-	
Mais de 100	1	- Governinho
TOTAL	4	

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.

TABELA 3 – TEMPO DE CULTIVO DAS SEMENTES DE FEIJÃO NA COMUNIDADE JOÃO SURÁ, ADRIANÓPOLIS, 2010.

Tempo de cultivo (anos)	Nº de Cultivares	Cultivares
Menos de 10	-	-
10 – 40	3	- Feijão Carioca;
		- Feijão Mãezinha;
		- Feijão Rosinha.
40 – 100	2	- Feijão Mulatinho;
		- Feijão Manteiga Preto
Mais de 100	1	- Feijão Branco Manteiga ou Manteigão
TOTAL	6	

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.

**TABELA 4 – TEMPO DE CULTIVO DAS SEMENTES DE MANDIOCA NA
COMUNIDADE JOÃO SURÁ, ADRIANÓPOLIS, 2010.**

Tempo de cultivo (anos)	Nº de Cultivares	Cultivares
Menos de 10	-	-
10 – 40	-	-
40 – 100	1	- Pão do Céu
	2	- Vassourinha ou Pãozinho;
Mais de 100	-	- São Pedrinho
TOTAL	3	

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.